

Monitoramento dos casos de dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika até a Semana Epidemiológica 8, 2016

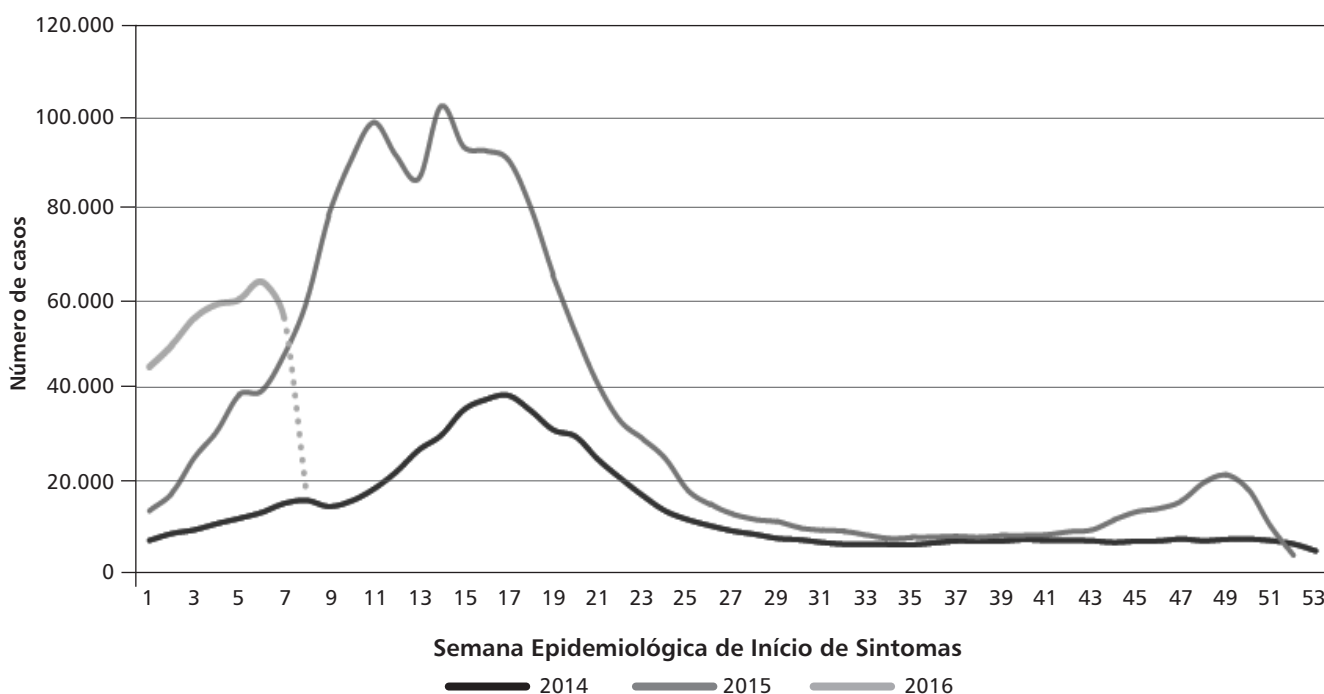
Dengue

Em 2016, foram registrados 396.582 casos prováveis de dengue no país até a Semana Epidemiológica (SE) 8 (3/1/2016 a 27/2/2016) (Figura 1). Nesse período, a região Sudeste registrou o maior número de casos prováveis (222.947 casos; 56,2%) em relação ao total do país, seguida das regiões Nordeste (71.375 casos; 18%), Centro-Oeste (52.162 casos; 13,2%), Sul (30.746 casos; 8%) e Norte (19.352 casos; 4,9%) (Tabela 1). Foram descartados 54.255 casos suspeitos de dengue no período.

A análise da incidência de casos prováveis de dengue (número de casos/100 mil hab.), segundo regiões geográficas, demonstra que

as regiões Centro-Oeste e Sudeste apresentam as maiores incidências: 337,8 casos/100 mil hab. e 260 casos/100 mil hab., respectivamente, mantendo a tendência de 2015. Entre as Unidades da Federação, destacam-se Minas Gerais (596,6 casos/100 mil hab.), Mato Grosso do Sul (514,7 casos/100 mil hab.) e Tocantins (462,1 casos/100 mil hab.) (Tabela 1).

Entre os municípios com as maiores incidências acumuladas por estrato populacional, em relação ao número de habitantes (menos de 100 mil habitantes, de 100 a 499 mil, de 500 a 999 mil e acima de 1 milhão de habitantes), destacam-se Campanário/MG, com 11.304,6 casos/100 mil hab. (população <100 mil hab.); Coronel Fabriciano/MG, com 3.460 casos/100 mil hab. (população de 100 mil a 499 mil hab.); Ribeirão Preto/SP, com 1.335,2 casos/100 mil hab. (população de 500 mil a 999 mil hab.); e Belo Horizonte/MG, com 1.273,9 casos/100 mil hab. (população >1 milhão de hab.) (Tabela 2).



Fonte: Sinan Online (atualizado em ^a13/07/2015; ^b04/01/2016; ^c01/03/2016).
Dados sujeitos a alteração.

Figura 1 – Casos prováveis de dengue, por semana epidemiológica de início de sintomas, Brasil, 2014^a, 2015^b e 2016^c

Tabela 1 – Comparativo de casos prováveis de dengue entre 2015^a e 2016^b, até a Semana Epidemiológica 8, por região e Unidade da Federação

Região/Unidade da Federação	Casos (n)		Incidência (/100 mil hab.)	
	2015 ^a	2016 ^b	2015	2016
Norte	7.916	19.352	45,3	110,8
Rondônia	339	3.991	19,2	225,7
Acre	3.499	2.981	435,5	371,0
Amazonas	1.034	2.301	26,3	58,4
Roraima	140	74	27,7	14,6
Pará	1.005	2.832	12,3	34,6
Amapá	934	171	121,8	22,3
Tocantins	965	7.002	63,7	462,1
Nordeste	23.806	71.375	42,1	126,2
Maranhão	1.177	4.712	17,0	68,2
Piauí	617	378	19,3	11,8
Ceará	4.305	4.472	48,3	50,2
Rio Grande do Norte	4.038	12.308	117,3	357,6
Paraíba	912	8.245	23,0	207,6
Pernambuco	6.572	23.775	70,3	254,4
Alagoas	1.743	2.461	52,2	73,7
Sergipe	674	1.310	30,0	58,4
Bahia	3.768	13.714	24,8	90,2
Sudeste	182.476	222.947	212,8	260,0
Minas Gerais	13.857	124.515	66,4	596,6
Espírito Santo	1.486	15.381	37,8	391,4
Rio de Janeiro	6.291	16.526	38,0	99,9
São Paulo	160.842	66.525	362,3	149,8
Sul	5.893	30.746	20,2	105,2
Paraná	5.070	27.844	45,4	249,4
Santa Catarina	770	1.926	11,3	28,2
Rio Grande do Sul	53	976	0,5	8,7
Centro-Oeste	39.736	52.162	257,3	337,8
Mato Grosso do Sul	4.142	13.647	156,2	514,7
Mato Grosso	1.784	10.163	54,6	311,2
Goiás	32.863	24.254	497,1	366,9
Distrito Federal	947	4.098	32,5	140,6
Brasil	259.827	396.582	127,1	194,0

Fonte: Sinan Online (atualizado em ^a04/01/2016; ^b01/03/2016).
Dados sujeitos a alteração.

© 1969. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Comitê Editorial

Antônio Carlos Figueiredo Nardi, Sônia Maria Feitosa Brito, Alexandre Fonseca Santos, Cláudio Maierovitch Pessanha Henriques, Elisete Duarte, Fábio Caldas de Mesquita, Geraldo da Silva Ferreira, Gilberto Alfredo Pucca Jr., Márcia Beatriz Dieckmann Turcato, Marcos da Silveira Franco, Maria de Fátima Marinho de Souza.

Equipe Editorial

Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviço/SVS/MS: Giovanini Evelim Coelho (Editor Científico), Izabel Lucena Gadioli (Editora Assistente).

Colaboradores

Coordenação Geral do Programa Nacional de Controle da Dengue/DEVIT/SVS/MS: Isabela Ornelas Pereira, Jaqueline Martins, Laura Nogueira da Cruz, Lívia Carla Vinhal Frutuoso, Priscila Leal Leite e Sulamita Brandão Barbiratto.

Secretaria Executiva

Raíssa Christófaros (CGDEP/SVS)

Projeto gráfico e distribuição eletrônica

Núcleo de Comunicação/SVS

Diagramação

Thaísa Abreu Oliveira (CGDEP/SVS)

Revisão de texto

Maria Irene Lima Mariano (CGDEP/SVS)

Tabela 2 – Municípios com as maiores incidências de casos prováveis de dengue, até a semana epidemiológica 8 de 2016, segundo estrato populacional

Número de habitantes	Município/ Unidade da Federação	Incidência (/100 mil hab.)		Casos acumulados (SE 1 a 8)	Incidência acumulada (/100 mil hab.)
		Janeiro	Fevereiro		
População <100 mil hab.	Campanário/MG	4.446,8	6.857,8	422	11.304,6
	Guamaré/RN	1.189,1	9.909,1	1.624	11.098,2
	Cruzeta/RN	6.859,4	1.984,3	722	8.843,7
	Rancho Alegre/PR	6.190,5	1.779,4	318	7.969,9
	Galinhos/RN	2.747,7	4.295,7	182	7.043,3
População de 100 a 499 mil hab.	Coronel Fabriciano/MG	2.579,5	880,6	3.784	3.460,0
	Paranaguá/PR	2.062,9	688,3	4.145	2.751,2
	Itabuna/BA	1.244,5	875,4	4.657	2.119,9
	Presidente Prudente/SP	1.184,1	819,6	4.452	2.003,7
	Ubá/MG	1.586,3	260,3	2.050	1.846,6
População de 500 a 999 mil hab.	Ribeirão Preto/SP	1.203,0	132,2	8.897	1.335,2
	Contagem/MG	396,1	613,9	6.553	1.010,1
	Londrina/PR	276,9	270,0	2.998	546,8
	Aparecida de Goiânia/GO	324,2	118,0	2.308	442,2
	Juiz de Fora/MG	370,4	71,5	2.454	441,9
População >1 milhão hab.	Belo Horizonte/MG	493,7	780,2	31.881	1.273,9
	Goiânia/GO	220,7	64,4	4.078	285,0
	Campinas/SP	74,6	74,8	1.739	149,4
	Brasília/DF	59,0	81,6	4.098	140,6
	Recife/PE	108,3	26,6	2.181	134,9

Fonte: Sinan Online (atualizado em 01/03/2016).
Dados sujeitos a alteração.

Casos graves e óbitos

Em 2016, até a SE 8, foram confirmados 91 casos de dengue grave e 1.117 casos de dengue com sinais de alarme. No mesmo período de 2015, foram confirmados 323 casos de dengue grave e 3.964 casos de dengue com sinais de alarme (Tabela 3).

A região com maior número de registros de casos de dengue grave é a região Sudeste (43 casos) e a região com maior número de registros de casos de dengue com sinais de alarme é a região Centro-Oeste (598 casos) (Tabela 3).

Foram confirmados 51 óbitos por dengue, o que representa uma redução no país de 74% em comparação com o mesmo período de 2015, quando foram confirmados 197 óbitos (Tabela 3).

Existem 224 casos de dengue grave ou dengue com sinais de alarme e 139 óbitos em investigação que podem ser confirmados ou descartados nas próximas semanas.

Sorotipos virais

Em 2016, até a SE 8 (27/02/2016), foram processadas 1.575 amostras para isolamento do vírus da dengue, sendo 578 delas positivas

para o sorotipo viral DENV1, mantendo-se a prevalência do ano anterior (Tabela 4).

É importante ressaltar que estas informações não configuram a realidade do número de notificações, uma vez que ainda existem amostras de exames em processamento e um paciente pode realizar mais de um exame e ter mais de uma amostra coletada e analisada.

Não há informações disponíveis (utilizando-se como fonte de informações o Gerenciador de Ambiente Laboratorial – GAL) sobre os sorotipos circulantes nos estados do Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins, Santa Catarina e no Distrito Federal. Na região Nordeste, apenas Pernambuco dispõe de informações.

Febre de chikungunya

Em 2016, até a SE 8, foram notificados 3.748 casos autóctones suspeitos de febre de chikungunya em 18 Unidades da Federação no país. Destes, 284 foram confirmados, sendo 48 por critério laboratorial e 236 por critério clínico-epidemiológico; 3.281 continuam em investigação (Tabela 5).

Deve-se chamar a atenção para o fato de que, uma vez caracterizada a transmissão sustentada de

Tabela 3 – Casos graves, com sinais de alarme e óbitos por dengue confirmados, até a Semana Epidemiológica 8, em 2015 e 2016, por região e Unidade da Federação

Região/ Unidade da Federação	Casos confirmados (n)				Óbitos confirmados (n)	
	2015 ^a		2016 ^b		2015 ^a	2016 ^b
	Dengue grave	Dengue com sinais de alarme	Dengue grave	Dengue com sinais de alarme		
Norte	5	29	2	11	1	1
Rondônia	2	4	1	1	1	1
Acre	0	2	0	0	0	0
Amazonas	0	0	0	1	0	0
Roraima	0	1	0	0	0	0
Pará	2	13	1	6	0	0
Amapá	0	6	0	2	0	0
Tocantins	1	3	0	1	0	0
Nordeste	22	107	3	23	9	2
Maranhão	2	8	1	10	0	1
Piauí	0	5	0	0	0	0
Ceará	12	54	1	3	5	0
Rio Grande do Norte	1	10	0	0	1	0
Paraíba	1	10	0	2	1	0
Pernambuco	3	9	0	6	1	1
Alagoas	0	8	0	2	0	0
Sergipe	1	0	0	0	0	0
Bahia	2	3	1	0	1	0
Sudeste	213	2.776	43	323	161	25
Minas Gerais	16	96	22	151	9	11
Espírito Santo	8	39	2	40	5	0
Rio de Janeiro	15	43	3	14	7	2
São Paulo	174	2.598	16	118	140	12
Sul	14	125	19	162	2	7
Paraná	14	91	18	160	2	7
Santa Catarina	0	34	0	2	0	0
Rio Grande do Sul	0	0	1	0	0	0
Centro-Oeste	69	927	24	598	24	16
Mato Grosso do Sul	3	33	4	12	4	5
Mato Grosso	2	3	1	7	2	0
Goiás	60	889	11	500	14	7
Distrito Federal	4	2	8	79	4	4
Brasil	323	3.964	91	1.117	197	51

Fonte: Sinan Online (atualizado em *04/01/2016^a01/03/2016^b).
Dados sujeitos a alteração.

febre de chikungunya em uma determinada área, com a confirmação laboratorial dos primeiros casos, o Ministério da Saúde recomenda que os demais casos sejam confirmados por critério clínico-epidemiológico.

Atualização periódica do número de casos nos demais países do continente americano, onde ocorre transmissão de febre de chikungunya, pode ser obtida por intermédio do seguinte endereço eletrônico: <http://www.paho.org>.

Tabela 4 – Distribuição dos sorotipos virais da dengue confirmados em 2016, até a Semana Epidemiológica 8, por região e Unidade da Federação

Região/ Unidade da Federação	Amostras enviadas (n)	Amostras positivas		Sorotipos confirmados (n)			
		n	%	DENV1	DENV2	DENV3	DENV4
Norte	31	15	48,4	14	0	0	1
Rondônia	28	15	53,6	14	0	0	1
Pará	3	0	20,0	0	0	0	0
Nordeste	163	1	0,6	0	0	1	0
Pernambuco	163	1	0,6	0	0	1	0
Sudeste	542	228	42,1	219	8	0	1
Minas Gerais	277	143	51,6	143	0	0	0
Espírito Santo	20	7	35,0	7	0	0	0
Rio de Janeiro	106	17	16,0	17	0	0	0
São Paulo	139	61	43,9	52	8	0	1
Sul	361	103	28,5	25	0	1	0
Paraná	323	77	23,8	77	0	0	0
Rio Grande do Sul	38	26	68,4	25	0	1	0
Centro-Oeste	478	258	54,0	243	2	0	13
Mato Grosso do Sul	255	217	85,1	214	0	0	3
Mato Grosso	77	1	1,3	1	0	0	0
Goiás	146	40	27,4	28	2	0	10
Brasil	1.575	605	38,4	578	10	2	15

Fonte: Gerenciador de Ambiente Laboratorial (GAL) (atualizado em 01/03/2016).
Dados sujeitos a alteração.

Tabela 5 – Distribuição dos casos autóctones de febre de chikungunya em 2016, até a Semana Epidemiológica 8, por região e Unidade da Federação

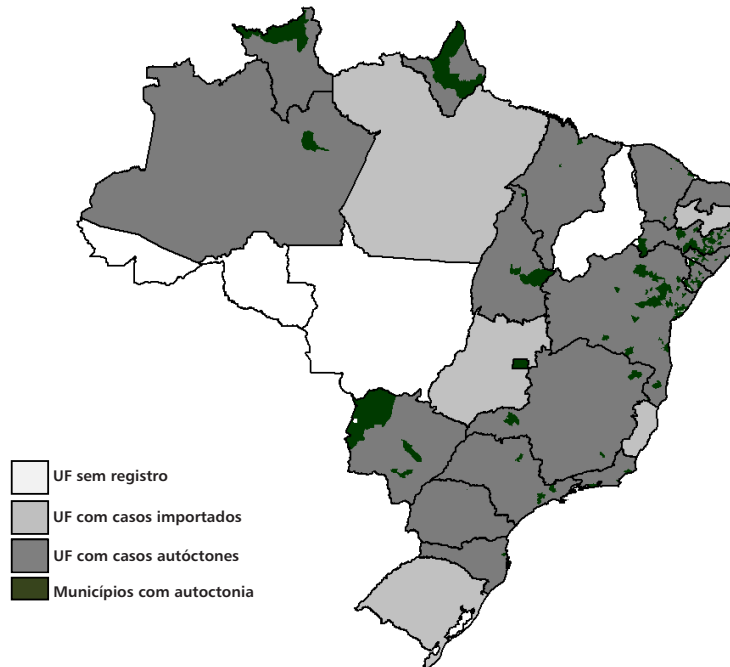
Região/Unidade da Federação	Municípios com autoctonia (n)	Casos (n)	Incidência (/100 mil hab.)	Critérios de confirmação dos casos (n)		Descartado (n)	Em Investigação (n)
				Laboratorial	Clínico- epidemiológico		
Norte	13	234	0,3	2	2	0	230
Amazonas	1	21	0,1	0	0	0	21
Roraima	2	3	0,1	0	0	0	3
Amapá	5	6	0,1	0	0	0	6
Tocantins	5	204	1,3	2	2	0	200
Nordeste	120	3.085	0,6	29	234	115	2.707
Maranhão	2	46	0,1	1	21	0	24
Ceará	4	2	0,0	1	0	0	1
Rio Grande do Norte	1	217	0,6	0	0	2	215
Pernambuco	39	1.478	1,6	3	106	78	1.291
Alagoas	10	371	1,1	1	44	2	324
Sergipe	17	305	1,4	4	24	9	268
Bahia	47	666	0,4	19	39	24	584
Sudeste	12	266	0,0	8	0	21	237
Minas Gerais	4	16	0,0	0	0	4	12
Rio de Janeiro	3	0	0,0	0	0	0	0
São Paulo	5	250	0,1	8	0	17	225
Sul	4	51	0,0	1	0	0	50
Paraná	1	1	0,0	1	0	0	0
Santa Catarina	3	50	0,1	0	0	0	50
Centro-Oeste	4	112	0,2	8	0	47	57
Mato Grosso do Sul	3	2	0,0	0	0	0	2
Distrito Federal	1	110	0,4	8	0	47	55
Brasil	153	3.748	0,2	48	236	183	3.281

Fonte: Sinan-NET (atualizado em 25/02/2016).

Febre pelo vírus Zika

Foi confirmada transmissão autóctone de febre pelo vírus Zika no país a partir de abril de 2015. Até a SE 8 de 2016, 22 Unidades da Federação confirmaram laboratorialmente

autoctonia da doença (Figura 3). Além disso, também foram confirmados laboratorialmente três óbitos por vírus Zika no país: um em São Luís/MA, um em Benevides/PA e outro em Serrinha/RN.



Fonte: Sinan e Secretarias Estaduais de Saúde (atualizado em 25/02/2016).

Figura 2 – Distribuição dos casos importados e dos casos autóctones de febre de chikungunya, por município e Unidade da Federação de residência, Brasil, 2014 a 2016



Fonte: Sinan e Secretarias Estaduais de Saúde (atualizado em 10/02/2016).

Figura 3 – Unidades da Federação com casos autóctones de febre pelo vírus Zika com confirmação laboratorial, Brasil, 2016

Atividades desenvolvidas pelo Ministério da Saúde

1. Distribuição, aos estados e municípios, de insumos estratégicos, como inseticidas e *kits* para diagnóstico.
2. Atualização do Guia de Manejo Clínico de Dengue, disponibilizado em versão eletrônica.
3. Campanha de mobilização e informação, com a realização do Dia D+1 em 7 de fevereiro de 2015, no município de Valparaíso, em Goiás.
4. Atualização do Protocolo de vigilância e resposta à ocorrência de microcefalia relacionada à infecção pelo vírus Zika.
5. Repasse, no Piso Variável de Vigilância em Saúde (PVVS) do Componente de Vigilância em Saúde, de recurso financeiro no valor de R\$ 143.702.444,04 para implementação de ações contingenciais de vigilância, prevenção e controle de epidemias mediante situação de emergência (Portaria nº 2.162, de 23 de dezembro de 2015).
6. Instalação da Sala Nacional de Coordenação e Controle, com o objetivo de gerenciar e monitorar a intensificação das ações de mobilização e combate ao mosquito *Aedes aegypti*, para o enfrentamento da dengue, do vírus chikungunya e do vírus Zika.
7. Realização, em janeiro de 2016, de reunião com especialistas para proposta de nova vigilância de dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika.
8. Realização, em fevereiro de 2016, de reunião internacional para implementação de novas alternativas para o controle do *Aedes aegypti* no Programa Nacional de Controle da Dengue.